

O FOLHETIM

PUBLICAÇÃO DIARIA DE ROMANCES

DIRIGIDA POR VISCONTI COARACY E SANTOS CARDOSO

ASSIGNA-SE na Rua do Hospício 85	Preço da assignatura por mez	Para a Corte..... 1\$000 Para as Províncias... 1\$500	AS ASSIGNATURAS começam no 1.º de cada mez
--	------------------------------	--	--

A BASTARDA

SEGUNDA PARTE

JOANNA E MAGDALENA

XXI

O IDIOTA

(Continuação.)

O homem se conservava impassível e mudo.

O policial redobrava de insistencia.

— Esse homem não ouve, nem responderá, disse o Sr. de Vezay.

— Conhece-o? perguntou o magistrado.

— Conheço-o; ha alguns mezes que elle vem frequentemente á cozinha do castello.

— Quem é elle?

— Não sei. — E' estranho aqui na localidade.

— E' surdo e mudo?

— Ignoro-o. — Chamam-no o *Idiota*. — Ninguém lhe ouviu ainda o som da voz, — elle não pede cousa alguma; — dá-se-lhe comida; — é socegado e inoffensivo...

— Mandarei conduzi-lo para o asylo de medidade, disse o promotor.

E accrescentou, voltando-se para o policial:

— Deixe esse homem.

O agente da força publica obedeceu.

O velho ficou immovel no banco de pedra, com ambas as mãos apoiadas nos joelhos, semelhante a esses deuses egypcios talhados em granito e que, deode o tempo dos Pharaós, conservam a mesma attitude.

Uma especie de vã curiosidade estampava como que um reflexo fugitivo na sua pupila sem irradiações.

Essa curiosidade inteiramente animal, que se manifesta ás vezes mesmo nos proprios seres cujo cretinismo é o mais abjecto, é sempre assustadora de vêr-se.

O incidente estava esgotado, — como se diz em linguagem judiciaria.

O promotor voltou-se para o Sr. de Vezay e perguntou-lhe:

— Estamos chegados?

— Estamos.

— Então o lugar em que nos achamos é o mesmo que, segundo o senhor diz, serviu de theatro ao duello?

— E' o mesmo.

— Persiste em sustental-o?

— Persisto; e abandone Deus a minha causa, se eu minto...

— Deus já abandonou-a! disse o promotor em tom grave e severo. Deus dissipou a ultima duvida que podia restar em meu espirito! Deus, para fazer-me tocar com o dedo no crime, levantou o assoalho novo da galeria do castello, e sob a madeira de carvalho mostrou-me o sangue derramado!... — Portanto não invoque mais o nome de Deus em vão!... Deus condemnou-o, — tomal-o por testemunha é uma blasphemia!...

— Como! balbuciou o Sr. de Vezay com espanto e desespero; — o senhor sabe...?

— Sei que houve sangue derramado em frente ao quarto de sua mulher na noite de 20 de setembro de 1820...

— Mas esse sangue não prova nada... nada absolutamente... senão o accidente mais vulgar...

O promotor e o juiz de instrucção sorriram-se.

— Oh! tornou o Sr. de Pesselières, — conhecemos tambem a explicação desse facto, espalhado pelo senhor entre os seus famulos... e apreciamo-l'ó no seu justo valor...

— Pois o senhor não acredita nessa explicação?

— Faça justiça á nossa intelligencia para ficar convicto de que uma mentira tão desazadamente combinada pouco credito póde encontrar de nossa parte...

— Mas... exclamou o conde.

O promotor interrompeu-o.

— Não insista! disse-lhe; a nossa convicção está formada. — Tratemos agora do motivo que nos conduziu aqui, conte-nos o pretendido duello que se realizou neste lugar...

— Para que?... os senhores não me acreditarão!

— Falle, senhor; estamos ouvindo.

— O Sr. de Vezay deu alguns passos.

— O visconde estava aqui, disse elle, quando lhe puz a mão no hombro e o fiz parar bruscamente...

— Que fez elle então?

— Jurou-me que minha mulher estava innocente, e pôz-se logo á minha disposição.

— E depois?

— Avançámos até aqui... o visconde tirou o casaco e arremegou-o neste logar... — depois pegou em uma das espadas que eu lhe apresentava e o combate começou.

— Onde affirma o senhor que estavam collocados?

— Eu, aqui.

— E o visconde?

— Acolá.

— De que natureza era o ferimento recebido por elle?

— Uma estocada na frente, um pouco acima do intervallo que separa as duas sobranceiras.

— A morte deve ter sido fulminante e instantanea...?

— Não, — o visconde teve tempo para me dirigir as palavras que repeti ao Sr. juiz de instrucção...

— Onde cahiu elle?

— Naquelle logar.

— Infelizmente para o senhor, disse o promotor com ironia, a areia de uma alameda conserva menos tempo o signal do sangue do que uma taboa de carvalho!...

— Ah! exclamou o conde com voz debil a principio e quasi indistincta, mas que não tardou se tornasse forte e vibrante, incitada pelos impetos de desespero que chegava quasi, ao delirio; ah! o senhor tinha razão!... estou perdido, Deus me abandona, e a verdade, roçando nos meus labios, se torna mentira!... quem me ha de dictar palavras que commovam e convençam?... quem me ensinará o caminho do coração e da consciencia de meus juizes?... — quem me amparará?... — quem me defenderá?... — quem me salvará?...

O Sr. de Vezay lançou-se de joelhos, e, magnifico de dôr o amargura, com o rosto orvalhado de pranto, proseguiu:

— Meu Deus! Senhor omnipotente e bom... tende piedade de mim!... — Fui culpado... feri com a espada, pela espada devo morrer... Seja, porém, a vossa que me fira, e não a de uma justiça enganada!... Se é mister um milagre para que a minha innocencia brilhe á luz do sol, faizei esse milagre, Deus omnipotente... e tomai depois a minha vida!... — Morrerei satisfeito e agradecido, Senhor, contanto que a minha honra viva!... Invoco-vos, meu Deus, e invoco tambem aquelle cujo sangue derramei!... — Que elle disperse e diga aos meus accusadores, visto que só elle pôde dizel-o, que esse sangue correu derramado por mão leal!... — Surge da tua tumba, Armando de Villedieu!... surge e vem em meu socorro!...

Duas mãos tremulas se apoiaram, nesse momento, na frente inclinada do velho, e uma voz, que não parecia pertencer a uma creatura viva, respondeu:

— Chamou-me, conde de Vezay... eis-me aqui...

O conde, sempre de joelhos, ergueu a cabeça soltando um grito e murmurou:

— Quem é que me falla?...

O velho dos andrajos, o idiota, — pois que era elle, — respondeu:

— Sou Armando de Villedieu...

O Sr. de Vezay vacilou, e cahiu de costas, sem sentidos, no chão.

O promotor fez um signal aos policiaes, que instinctivamente já se haviam approximado.

Indicou-lhes o velho que acabava de dizer: — *Sou Armando de Villedieu!* — e ordenou:

— Prendam este homem!... Aceitar um papel nesta infame comedia é aceitar a solidariedade do crime!...

Tres segundos bastaram aos policiaes para applicar solidas algemas aos punhos do ancião.

Este ultimo deixou que o fizessem sem oppôr a menor resistencia.

O seu olhar tinha já recuperado a habitual flixidez embaciada, e o seu semblante pallido não exprimia senão placida inintelligencia.

— Desastrado comparsa! murmurou o juiz; nem sequer conhece o seu papel!... Não importa, porém!... tudo caminha o melhor possivel!...

— Levante-se, senhor! disse então o promotor ao conde de Vezay; — falhou o exito em que confiava!...

O conde, porém, não se levantou, — e com razão.

Admirado daquelle persistente immobildade, o magistrado mandou que os policiaes o levantassem, e viu assustado que o semblante d'elle offerencia todos os symptomas que caracterisam uma apoplexia fulminante.

— Terá elle sido victima do seu proprio ardil? perguntou consigo mesmo o magistrado. — E' estranho tudo isto que se está passando!...

Entretanto o tempo decorria.

O pulso do conde batia debilmente.

De um para outro instante a morte podia concluir a sua obra.

O Sr. de Pessilières tinha, casualmente, algumas noções elementares de cirurgia.

Com um canivete rasgou a manga da sobre-casaca e da camisa do velho, rompeu em tiras um lenço afim de fazer ataduras, e, servindo-se de um canivete como de uma lanceta, picou a veia entumecida.

O sangue appareceu, a principio, gotta á gotta. Depois correu ao longo do braço em um fio negro e espesso.

Afinal, passados alguns segundos, jorrou com extrema violencia.

O Sr. de Vezay estava salvo, — momentaneamente ao menos, — pois quasi logo deu não equívocos signaes de tornar a si. Seus olhos se entreabriram, seus labios se moveram.

Unicamente a sua pupilla se conservava sem vista e nenhum som se lhe escapava dos labios.

Seguramente, a apoplexia não abandonava de todo a sua presa, e a intelligencia do velho estava, se não morta, pelo menos adormecida.

O promotor estancou o sangue como melhor pôde.

(Continúa no proximo numero.)

O THESOURO DOS ASSASSINOS

VI

O RONGOU

(Continuação.)

Era á noitinha.

Cessára de cahir uma dessae chuvas torrencias frequentissimas em Cayenna, e, enquanto o interior das casas conservavam um calor soffocante, lá fóra reinava a mais agradável frescura. Miguel, depois de ter dado começo ao arranjo das malas para a viagem proxima, fóra recostar-se sobre um divan e a Sra. Gallois dormitava em uma rede.

Cesar e Zenobia estavam no seu quarto, n'um angulo do pateo, naturalmente dormindo tambem.

Josephina descêra ao jardim, e, assentada n'um banco, junto a um enorme limoeiro, aspirava deliciosamente aquelle ar impregnado de aromas.

Posto que só, não julgava ter cousa alguma a receiar alli.

A porta da casa estava cuidadosamente fechada: o jardim, como dissemos, era cercado de altas e solidas pallissadas, reforçadas por arbustos espinhosos, que pareciam impenetraveis. Abandonára-se, pois, a moça descuidosamente ás suas meditações.

O céu estava afogueado, ainda que grossas nuvens passavam de vez em quando no zenith; o crescente lunar, desembaraçando-se por momentos da sombra que ellas lhe faziam, projectava uma irradiação sobre os campos e fazia perder o brilho aos insectos luzentes.

Ao longe ouvia-se o vozear dos macacos e tambem o coaxar do sapo, occulto em algum dos muitos sitios paludosos.

Talvez Josephina estivesse pensando nas suas desgraças passadas e nas que o futuro lhe reservava; talvez mesmo estivesse orando ao contemplar tão magestoso quadro, quando de repente um som exquisito, mas forte, e semelhante ao de uma trombeta, se fez ouvir alli proximo.

Assustada, preparava-se para fugir, quando de repente se lembrou de que aquelle grito particular era o do agami quando vê em perigo as aves confiadas á sua guarda.

De facto, era o agami da casa Gallois, que, pousado n'uma arvore ao alcance da capoeira, acabava de fazer soar a sua trombetada, mais estrepitosa agora em razão do socego da noite.

Ainda assim, Josephina não deixou de percorrer com os olhos attentamente tudo em volta de si.

Notava-se certa oscillação nas plantas cultivadas, e como naquelle momento a lua se mostrasse brilhante, pôde vêr de repente uma figura repugnante, que a passos furtivos atravessou o jardim.

Se não soubesse que os macacos da raça grande, taes como os orang-outangos ou chimpamzés, não habitavam aquella parte da America, julgaria vêr alli um destes animaes perigosos.

O individuo mencionado era preto.

As pernas muito curtas, e os braços, desmarcadamente compridos, indicavam que possuia uma força e agilidade extraordinarias.

Todo o fato consistia em uma especie de calção curto: tinha os pés descalços e na mão um sabre tosco, que reluzia a qualquer movimento.

Não havia que duvidar: era o terrivel D'Chimbo, o Rongou.

O que, porém, Josephina não podia comprehender era a maneira por que elle alli se introduzira.

Ao reconhecer o monstro, a cujo respeito ouvira fazer tão horriveis descripções, sentiu ella uma anciedade mortal e um tremor nervoso se lhe apoderou do corpo.

A sua primeira idéa foi fugir; mas, além de não se sentir com forças para dar um passo, reconheceu que, achando-se o Rongou entre ella e a porta da casa, lhe era impraticavel a fuga.

Felizmente, o malvado, não suspeitando a existencia de pessoa alguma alli, não se apercebêra da presença da moça. Toda a sua attenção estava concentrada no edificio, parecendo inquietar-se por ver brilhar uma luz n'uma das janellas do primeiro andar.

Josephina conservou-se, pois, immovel, protegida pela sombra do limoeiro, e, arfando de anciedade, observava todos os movimentos do Rongou.

Elle começou a andar vagarosa e surrateiramente, á maneira do morcego-vampiro que espreita a presa adormecida, quando o agami fez ouvir o seu canto de trombeta mais forte e prolongado do que o primeiro.

O preto parou, ameaçando com o sabre a ave, que se espanejou no poleiro.

Ainda assim, não se atreveu a avançar, e, agachando-se, poz-se á escuta de um leve ruido que se fez na casa.

A pobre rapariga, apesar da sua angustia, dizia comsigo que o seu dever era dar um signal de alarma, mas ao mesmo tempo considerava que ao primeiro grito que dêsse o Rongou a veria, e só a idéa de se achar um instante á mercê de tal monstro a fazia estremecer.

Além disso, lembrou-se de que talvez elle viesse só com o fim de commetter um simples furto, e que, depois de se apropriar de uma ou duas aves das que o agami guardava tão vigilantemente, fugiria.

Não tardou, porém, em reconhecer o seu equivoco, porquanto os projectos do Rongou eram muito mais sinistros e terriveis.

Com effeito, depois de fazer varias paragens, mirando e escutando, atravessou o pateo e aproximou-se de uma especie de alpendre coberto de folhas de palmeira, o qual se achava contiguo á casa, e onde

estava madeira miuda destinada ao uso da cozinha. Poz-se de cocaras e de repente viu-se brilhar entre as suas mãos uma luz azulada.

Selvagem como era, conhecia o uso tão util como perigoso das mechas phosphoricas.

Aquella que acendeu lançou-a nos ramas seccos, que logo se incendiaram.

Então affastou-se e de sabre em punho foi collocar-se atraz de uma mandioqueira, prompto a descarregar o golpe sobre a primeira pessoa que tentasse fugir ao incendio da casa.

Josephina ao principio não percebêra as intenções do negro; mas quando viu as chamas a desenvolverem-se rapidamente, então aquelle estado de paralyção em que se conservára logo cessou, e, esquecendo o perigo pessoal para só se lembrar do risco que corriam as pessoas da casa, especialmente seu irmão, de morrerem queimadas, ergueu-se instinctivamente e com toda a violencia dos pulmões poz-se a gritar:

— Socorro! Ha fogo! Olhem o Rongou!

Não teve tempo de se certificar de serem ou não ouvidos os seus gritos, porquanto, ao terminar a ultima palavra, já se lhe aproximára um vulto, e em seguida uma pesada mão que lhe cahiu em cima fel-a cahir por terra, e ao mesmo tempo o Rongou em voz baixa e no seu dialecto crioulo dizia-lhe:

— Eu matar a ti, si tu ainda gritas!

E o malvado ameaçava com a ponta da espada a debil moça arquejante a seus pés.

Entretanto, á proporção que a luz das labaredas lhe ia deixando ver o rosto della, as suas idéas pareciam ir-se moderando, porque um hediondo sorriso deixava ver aquelles dentes brancos e pontegudos, e ao mesmo tempo dizia no seu dialecto:

— A branca ser mais bonita do que a mulata... tu ser mulher do capitão que feriu a mim... tu vires para a minha cabana e seres a mulher de D'Chimbo!

Ao mesmo tempo cingiu em seus longos braços Josephina, que debalde esbracejava, e levou-a para a outra extremidade do jardim com a mesma facilidade com que o gato pega no rato ou o tigre na gazella.

A desgraçada, com os sentidos meio perdidos, pôde ainda n'um supremo esforço gritar:

— Socorro! E' o Rongou que voltou!

Miguel era o unico alli que poderia lutar com o Rongou; mas esse não ouvira cousa alguma. Porém a Sra. Gallois, que andava precavida, sahio de casa meio vestida, com a espingarda na mão, e dando gritos, aos quaes acudiram Cesar e Zenobia.

A Rongou não fez impressão alguma a gritaria, e continuava levando pelo jardim fóra a sua presa, quando de repente ouviu um tiro junto de si.

Ter-lhe-hia acertado? Não se pôde saber, porquanto elle parecia invulneravel. Voltou-se para traz, e emquanto com um braço sustinha Josephina desmaiada, com o outro brandia o sabre, rangendo os dentes furioso.

A mulata, não obstante a sua intrepidez, parou e fazia indícios de querer descarregar-lhe segundo tiro, mas receiava ferir Josephina e ficar desarmada.

Contentou-se, pois, em conservar o seu adversario no estado de vacillação, dirigindo-lhe uma serie de injurias.

Neste estado de hesitação em que elle se achava, posto não fosse o leve volume da sua presa o que o impedia de se atirar á mulata e dar cabo della, eis que apparecem Cesar e Zenobia, aquelle armado de um machado e esta de um espeto de assar carne, deixando em seguida ver-se á janella Miguel Bertomy, o que maior impressão causou ao negro.

Como foi que o surdo mudo adivinhou o perigo que corria sua irmã? Porque miraculosa felicidade acordou elle do seu pesado somno naquella conjunctura?

Fosse qual fosse a razão, bastou-lhe um lance de olhos ao clarão do incendio para reconhecer o que se passava no jardim. Sem calcular o perigo, saltou da janella abaixo, tendo a felicidade de cahir sobre uma grande espessura de plantas, e, pondo-se momentaneamente de pé, largou a correr, dando os gritos inarticulados com que costumava indicar as commoções violentas.

Estas vozes extraordinarias e insolitas, completamente fóra do natural, pareceram produzir sobre o Rongou maior impressão do que o machado de Cesar, o espeto de Zenobia e até a espingarda da Sra. Gallois.

Poz-se com ar de espanto e receio a examinar o novo aggressor, e, supersticioso como todos os negros, considerou-o sem duvida um desses espiritos magicos de quem ouvira contar prodigios, e assim deixou cahir a sua carga e tratou de pôr-se a caminho.

Miguel atirou-se a elle, redrobrando sempre os furiosos urros, e, se o Rongou tivesse a deliberação de lhe apresentar a ponta do sabre, de certo o fogoso mancebo no seu impeto seria varado por elle.

O embate destes dous robustos corpos um contra o outro produziu um violento abalo em Miguel; porém o negro, que ao principio ficára firme como um rochedo, foi-se abaixando no meio dos arbustos, acabando por desaparecer, como se a terra o tivesse engulido.

Todos ficaram espantados de tão subita desappareição, não sabendo mesmo o que deveriam acreditar a tal respeito, quando de repente a mulata, apontando para uma cousa que se movia á distancia por entre as sebes, exclamou:

— Olhem, olhem! Lá vai elle a fugir!

E, pondo a ispingarda á cara, atirou novo tiro na direcção incada.

Miguel correu ao ponto onde vira bolir os arbustos,

Encontrou, com effeito, o Rongou caminhando de rojo, e poz-se a espancal-o com os pés e mãos com uma furia indescriptivel.

(Continúa no proximo numero.)